

APRESENTAÇÃO

POR QUE AINDA MACHADO DE ASSIS?

ELISA CRISTINA SERPA VELLOSO

Diante da vasta fortuna crítica sobre a obra machadiana, cabem algumas perguntas: “Ainda resta algo a ser dito sobre ela, sem que se corra o risco de ser enfadonho e/ ou repetitivo?”. “O que torna a escrita machadiana tão provocativa e atemporal?” Segundo Luiz Costa Lima, Machado desenvolveu uma escrita palimpséstica, ou seja, um texto que possui várias “camadas” que resistem às “escavações” de seus leitores e críticos. Tal escrita se oferece como um enigma aos estudiosos. Muitos, acreditando terem atingido a “chave do mistério”, atribuem a ela diversos rótulos: pessimista, niilista, psicologizante... Obcecados em encontrar “o fio de Ariadne”, deixam escapar as múltiplas possibilidades de interpretação que são oferecidas ao leitor neste “texto labiríntico”, cuja saída se multiplica num instigante jogo de espelhos. Eis porque não é tão simples “classificar” Machado e sua obra dentro da História da Literatura Brasileira. Ao estudarmos os chamados estilos de época, perceberemos que ele foi classificado como um escritor cuja obra dividiu-se em duas fases: romântica e realista. Curioso é notar que, em muitas de suas obras, Machado vai ironizar algumas características de ambas as escolas. Enquanto crítico literário, o escritor fez questão de deixar clara sua posição de que os escritores brasileiros poderiam buscar uma independência literária sem com isso fechar-se em temáticas que funcionassem como “verdades absolutas”. Foi o que acabou acontecendo com o Romantismo, movimento obcecado em encontrar as “cores do país”, com o Realismo, preocupado em condenar o que de mal havia na nossa sociedade, e com o Naturalismo, interessado em aproximar a Literatura dos experimentos científicos. Machado, ao reconhecer a verdade como não-toda, ou seja, ao reconhecer que não é possível apreendermos a realidade em sua totalidade, foi “governado por um pluralismo que resulta do reconhecimento do sentido de unidade da criação artística, de que os estilos sucessivos (...) são todos válidos e atuantes, desde que o artista saiba colher de cada um o ensinamento e a experiência de sentido permanente”

(CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo in : *Presença da Literatura Brasileira*, v.1, p. 299).

Nos anos 70, do século XIX, Machado de Assis, em *Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de Nacionalidade*, já nos mostrava o quão profícuo era o seu projeto literário, bem como a importância de analisá-lo sem cair no lugar-comum da “rotulação”: “Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas *não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam* (grifo meu). O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (obra citada, p.304) Por tudo isto, as provocações machadianas permanecem desafiando nosso pensamento, à medida que novas “camadas” emergem, exigindo que tentemos respondê-las à altura.